XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

# IMPORTÂNCIA DO DIÁRIO DE CAMPO NAS PESQUISAS QUALITATIVAS COM METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Roberta Fernandes Fajer, Margarete Panerai Araújo (orient.), Moisés Waismann (coorient.)
UNILASALLE

**Resumo**

Este estudo objetiva analisar a importância do diário de campo em pesquisas qualitativas com metodologia de história oral. Utilizou-se os métodos bibliográfico e empírico de registros de dados. Conclui-se que o uso do diário tornou-se vantajoso frente às investigações com aquela metodologia.

**Palavras-chave**: *Diário de campo, história oral.*

**Área Temática**: PPG em Memória Social e Bens Culturais

## 1. Introdução - Propósito central do trabalho

Ao se pensar em pesquisa científica, logo vêm à mente o formalismo e a erudição na linguagem, as normas a serem observadas, a necessidade de se fazer entrevistas, etc. Sem esquecer que cada detalhe está diretamente ligado ao tipo de pesquisa a ser desenvolvida, conforme a classificação existente.

No caso deste estudo, em particular, analisa-se a pesquisa qualitativa que utiliza a metodologia de história oral. Mais especificamente de um instrumento auxiliar nesse tipo de pesquisa: o diário de campo. E que, não por acaso, embora tenha protocolos indicados para a sua elaboração, na maioria das vezes se utiliza de uma linguagem e de um formato menos formal.

O objetivo aqui é refletir sobre esse instrumento, com base na teoria existente e apresentar exemplo prático, e considerar qual é a colaboração que ele pode dar a uma investigação. Assim busca-se responder à questão: Como o diário de campo torna-se importante numa pesquisa qualitativa que utiliza a história oral como metodologia? Este artigo está dividido nas seguintes sessões: introdução, marco teórico, método, discussão de dados análisee considerações finais. Seguem por último as referências.

## 2. Marco Teórico

A pesquisa científica, conforme Deslandes, Gomes e Minayo (2013), é “a atividade básica da ciência”. É por meio dela que a realidade é atualizada e ensinada. E é em situações da vida real que seus questionamentos surgem, sendo daí que vêm sua motivação e seus objetivos. Trata-se de um processo formal utilizado como meio para “conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”, através do método de pensamento reflexivo, e que necessita ser tratado cientificamente (LAKATOS; MARCONI, 2003). Uma das formas de pesquisa, no que se refere à abordagem do problema, é a pesquisa qualitativa, que Prodanov e Freitas definem como sendo aquela que

> [...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é,

ISSN 1983-6783

> um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Nesse tipo de pesquisa, pelo nível de explicações que pode se fazer necessário, e também pela importância que têm o pesquisador e o sujeito da pesquisa, as informações exigem registros complexos (TRIVIÑOS, 1987). Dentre as metodologias que podem ser adotadas nas pesquisas qualitativas, encontra-se a história oral, que Meihy (2005) apresenta como sendo "[...] um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do 'tempo presente' e também conhecida como 'história viva'".

Nessa metodologia é imprescindível o uso de entrevistas na coleta de dados. Para Alberti (2005), a entrevista é o núcleo, a parte principal, em um trabalho de história oral. É para ela que se devem voltar todas as atenções no início dos trabalhos da pesquisa, assim como todo o cuidado com o tratamento a ser dado ao acervo gerado. De acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p.100), embora eles considerem o projeto "a peça mais importante" em história oral, "Seja qual for qual for o gênero de história oral, o ato da entrevista se reveste de significado especial". Ainda de acordo com Meihy (2005, p. 24):

> A história oral responde à necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdam os dilemas e as benesses da vida no presente. Sua versão do processo, porém, deve ser um legado de domínio público. [...] Em todos os quadrantes da vida individual ou coletiva despontam investidas que se completam com registros de experiências familiares, institucionais, de pessoas comuns ou ilustres. Fatos notáveis e acontecimentos corriqueiros mostram que a noção de vida social apreendida pela história oral é relevante em sua plenitude.

A relação da história oral com a eletrônica é muito estreita. Pode-se mesmo dizer que é uma relação de dependência. A utilização de aparelhos eletrônicos faz com que a coleta de dados, o estabelecimento de textos, a formulação, o arquivamento e a divulgação documental avancem (MEIHY, 2005). Mostrando que a utilização desse tipo de aparelho, usado na maioria das vezes para diversão, colabora para a "[...] produção, a preservação de documentos e as análises sociais" (MEIHY, 2005, p. 32).

Embora seja praticamente impossível pensar a história oral sem os equipamentos eletrônicos, é preciso esclarecer que, além desses equipamentos, obrigatoriamente é necessária a participação humana. E é justamente aí que se traz um instrumento de grande importância nessa metodologia: o caderno de campo. No caderno de campo são registradas não apenas observações relativas às entrevistas, mas também sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Para Meihy (2005, p. 187), o caderno de campo deve funcionar "[...] como um diário em que o roteiro prático seja anotado – quando foram feitos os contatos, quais os estágios para se chegar à pessoa entrevistada, como correu a gravação, eventuais incidentes de percurso". Ele deve ser produzido pelos responsáveis pela pesquisa e será de grande ajuda no momento da análise dos documentos. Também poderá ajudar outros pesquisadores, que porventura consultem as entrevistas, para dar-lhes condição de melhor compreender e avaliar o documento transcrito e o trabalho produzido. Porém, essa ajuda a outros pesquisadores, verifica-se não ser uma unanimidade entre os pesquisadores do tema. Enquanto Alberti (2005) considera a possibilidade de compartilhamento dos registros do caderno de campo, Meihy (2005, p. 187) diz:

ISSN 1983-6783

> O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto.[...]
> O caderno de campo deve ser íntimo e o acesso a ele exclusivo de quem dirige as entrevistas.

Aqui se tem a tendência de concordar com Alberti. É possível disponibilizar os registros a outros pesquisadores, sob a forma de um resumo. Assim, os registros considerados "íntimos" podem ser excluídos, não precisando ser compartilhados.

As *anotações de campo*, como são chamadas por Triviños (1987), são classificadas por ele em dois tipos: as de natureza descritiva e as de natureza reflexiva. Sobre as de natureza descritiva, destaca-se parte de suas observações:

> Os comportamentos, as ações, as atitudes, as palavras etc. envolvem significados, representam valores, pressupostos etc., próprios do sujeito e do ambiente sociocultural e econômico ao qual este pertence. Sob cada comportamento, atitude, ideia, existe um substrato que não podemos ignorar se quisermos descrever o mais exatamente possível um fenômeno. (TRIVIÑOS, 1987, p.155.)

Mas ele segue apontando que, apesar de todo o cuidado que o pesquisador possa ter em suas descrições, sempre haverá diferentes descrições de um mesmo fato quando feitas por outros pesquisadores, devido às suas condições, à base teórica usada etc. Sobre as anotações de natureza reflexiva o destaque fica na reflexão sobre o que foi observado. A partir dessas observações, novas ideias, hipóteses e perspectivas podem surgir. Até mesmo uma mudança no referencial teórica pode se mostrar necessária. Ou pressupostos da pesquisa podem se mostrar enfraquecidos a partir da realidade observada. E como o referido autor apontou: "Tudo isto significa que o investigador deve estar em permanente 'estado de alerta intelectual'" (TRIVIÑOS, 1987, p.157.).

## 3. Metodologia

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), do ponto de vista de sua natureza esta pesquisa classifica-se como pesquisa aplicada, que segundo os mesmos autores "[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Em relação aos seus objetivos, classifica-se como descritiva e qualitativa, por ser este o tipo de pesquisa em que o pesquisador não interfere nos fatos, ele "[...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los [...]" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52), descrevendo as características do assunto em questão e classificando, explicando e interpretando os fatos que ocorrem. Quanto à forma de obtenção dos dados, esta pesquisa está delineada como pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, uma vez que se utilizará de fontes de papel.

## 4. Discussão de Dados e Considerações Finais

Tomando-se por base o diário de campo que está sendo elaborado pela autora durante a realização de sua pesquisa sobre a relação do escritor, dramaturgo, poeta e professor Ariano Suassuna com a Indústria Cultural, para elaboração da dissertação de mestrado em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE, foi possível observar na prática o que a teoria apresentada afirma. Quanto maior a riqueza de detalhes registrados no dia a dia da pesquisa, melhor será o proveito que se poderá tirar do diário de campo. Observações ali contidas

ISSN 1983-6783

certamente seriam esquecidas se não fossem registradas a seu tempo. São observações que podem colaborar na compreensão e esclarecimento de fatos e geração de novas ideias para a pesquisa. Traz-se aqui trechos do diário de campo citado, como forma de exemplificação:

> **14/04/2016 (quinta-feira) - PORTO ALEGRE**
> Hoje dei o primeiro passo em relação às entrevistas para a pesquisa. Fiz contato com minha prima Paula (Paula Suassuna Fernandes, sobrinha de Ariano), que mora em Recife. Perguntei se ela estaria em Recife entre os dias 18 e 31 de maio, período em que estarei lá para fazer algumas entrevistas para a pesquisa. Ela me disse que iria viajar no dia 22 de abril, mas que retornaria no dia 07 de maio e que me ajudaria. A ajuda dela é muito importante para fazer o "meio de campo" com algumas das pessoas que pretendo entrevistar e que são da sua família. Ficamos de combinar os detalhes depois.
>
> **10/05/2016 (terça-feira) - PORTO ALEGRE**
> Voltei a fazer contato com Paula. Pedi sua ajuda na definição das pessoas que seriam mais interessantes de entrevistar. Passei para ela os nomes que eu havia pensado e ela me deu mais algumas sugestões.
> Hoje também fiz contato, por e-mail, com o Prof. Carlos Newton Júnior (UFPE) – considerado o maior conhecedor da obra de Ariano. Apresentei-me a ele e perguntei da possibilidade de entrevistá-lo.

Verifica-se que houve um intervalo de tempo significativo nos registros e que certamente se refletiu no andamento da pesquisa. Mas ali está a explicação dos fatos: o motivo para esse intervalo foi a viagem da pessoa com cuja colaboração a pesquisadora contava. Demonstra também que ocorrem percalços no decorrer das pesquisas que estão além do alcance dos pesquisadores. Com o devido registro, será possível compreender e justificar possíveis alterações que venham a ocorrer no cronograma inicialmente estabelecido na pesquisa. Em outra parte do diário de campo:

> 13/05/2016 (sexta-feira) - PORTO ALEGRE
> [...] Paula entrou em contato comigo e disse que ainda não havia agendado com ninguém, nem mesmo com tia Beta (Betacoeli Suassuna Fernandes, irmã de Ariano e mãe dela); estava sem tempo. Mas me sugeriu mais uma pessoa para eu entrevistar: A. N., genro de Ariano e que foi seu secretário. Ela disse que tentaria um contato com ele hoje à noite e aproveitaria para lhe perguntar se ele teria mais alguém a indicar. [...]
>
> **14/05/2016 (sábado) - PORTO ALEGRE**
> Hoje Paula entrou em contato comigo [...] Ela também me disse que tinha falado com Dode (Magda Suassuna, sobrinha de Ariano, filha de seu irmão Marcos) e que Dode falaria com Romero (Romero de Andrade Lima, pintor renomado, diretor de teatro e sobrinho de Zélia, esposa de Ariano). Disse que ainda não tinha tido retorno de A. N.; o telefone dele fica sempre na secretária eletrônica. Ela estava com dificuldade de fazer novos contatos, pois seu filho estava doente e talvez tivesse que ser levado para o hospital.[...]
>
> **21/05/2016 (sábado) - RECIFE**
> Paula me enviou mensagem dizendo que havia falado com M. e que A. N. estaria esperando uma ligação minha; ela me passou os números dos telefones celular e fixo dele e também sugeriu que eu deixasse para ligar na segunda-feira. [...]
>
> **28/05/2016 (sábado) - RECIFE**
> [...] À noite me comuniquei com Paula. [...] Ela me perguntou, mais uma vez, se eu havia conseguido falar com A. N.. Respondi-lhe que não e que, como ele não tinha me dado retorno dos recados e mensagens deixadas, resolvi não insistir mais. Talvez, em outra oportunidade... [...]

ISSN 1983-6783

No trecho acima fica evidente um dos limitadores já esperados no projeto de pesquisa: a indisponibilidade de alguns sujeitos a quem se pretendia entrevistar. No caso, havia interesse em entrevistar o genro e ex-secretário de Ariano Suassuna. Mas, por alguma razão, ele não pode nos atender. Sempre pode haver dificuldade de agenda com algumas pessoas ou desinteresse de outras em colaborar.

Outro tipo de "achado" nos diários de campo são as observações do pesquisador durante a entrevista, mas que não estão na fala dos entrevistados. São as emoções que esses deixam transparecer, os gestos, as expressões. Assim como as falas dos entrevistados antes ou depois da entrevista propriamente dita. E que podem conter informações muito importantes.

Há ainda os registros dos momentos que precedem e dos posteriores à entrevista. Desde o deslocamento – o trajeto – ao local da entrevista até o que foi observado no lugar. Esses detalhes são ricos de informações, e podem despertar novos assuntos sobre o tema, como mostramos abaixo em outro trecho do mesmo diário de campo.

> **24/05/2016 (terça-feira) - RECIFE**
> [...] Fui hoje à tarde à casa de Ariano para entrevistar Dantas (Manuel Dantas Vilar Suassuna, filho de Ariano, mais conhecido por Dantas Suassuna). Cheguei lá às 15h10min, com um atraso de 10 minutos para a hora combinada, pois o trânsito estava muito difícil.
> Dantas me recebeu com certa timidez no início, mas depois ele foi ficando mais à vontade e conversou bastante. Falei para ele do que consistia minha pesquisa e apresentei o roteiro que havia preparado. Também o consultei sobre o uso do gravador de voz e da câmera filmadora; ele concordou de imediato.
> Liguei o gravador e posicionei a câmera de modo a mostrá-lo de corpo inteiro, pois assim daria para ver um pouco do "cenário" em que estávamos: uma sala repleta de arte! Embora não apareça no filme, na sala havia vários quadros de Dantas, esculturas de Zélia (esposa de Ariano), alguns objetos regionais e um quadro de Francisco Brennand muito bonito.
> Começamos a entrevista e, como vi que ele estava pensando em por onde começar a falar, deixei-o livre para falar sobre o que quisesse e como quisesse. Quando ele começou a falar sobre a relação dele com Ariano e de um trabalho que fariam juntos, mas não tiveram tempo, ficou emocionado. Parou de falar por alguns instantes..., depois secou os olhos e continuou. De vez em quando eu fazia um comentário ou perguntava algo, de modo a chegar aos temas que eu gostaria que ele enfatizasse. Acho que deu certo! Consegui muitas informações importantes. Mais ou menos na metade da entrevista foi preciso fazer uma pequena interrupção, pois alguém bateu o sino no portão. Sim, bateu o sino! Lá não tem campainha, mas um sino daqueles que se coloca no pescoço do gado. Muito autêntico, afinal eu estava na casa de Ariano! A entrevista durou cerca de 01h (tirando a interrupção e o tempo para as fotos).
> Depois que terminamos a entrevista, como falamos bastante na obra do próprio Dantas também, ele me presenteou com os catálogos de duas de suas exposições. Lindos, por sinal! Após isto, ele me levou para fazer algumas fotos em volta da casa, que é cheia de obras de arte, e cada uma delas tem uma história e uma razão para estar ali. Todas têm um sentimento embutido.
> Perguntei a ele se eu poderia fazer fotos de alguns documentos feitos por Ariano, como páginas de livro escritas e desenhadas a mão por ele, alguns objetos pessoais, etc. Não foi possível, pois, como ele não havia se preparado para isto, seria um tanto complicado pegar o material assim na hora, porque eles estão sendo inventariados. Combinamos então que essas fotos ficariam para a próxima vez que eu vier a Recife; avisarei por e-mail para que ele possa se organizar.
> Não pude fotografar os objetos, mas fotografei algo muito importante. Ele me trouxe alguns desenhos originais do *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta* que a família havia acabado de adquirir de volta. Não me recordo com quem estavam, embora ele tenha comentado algo. Fiquei encantada, afinal são desenhos originais da obra mais importante de Ariano até o momento. Até o momento porque o livro que acabou de escrever uma semana antes de falecer ainda não foi editado. Mas será em breve!

ISSN 1983-6783

> Enquanto esperava Dantas trazer os originais do *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta,* aproveitei para fazer algumas fotos da sala em que estávamos. Nesse momento, vi que Zélia (esposa de Ariano) passou pela sala e entrou numa porta que dava para ali. Eu estava de lado e, como ela não se aproximou, resolvi fazer de conta que não a tinha visto. Tinha que respeitar o fato de ela não querer se envolver com a entrevista.
> Depois disso, nos despedimos. E enquanto ele me acompanhava até o portão comentou que haverá uma grande homenagem a Ariano, provavelmente em setembro, no SESC do Belenzinho, em São Paulo. Será uma grande aula-espetáculo com todo o grupo de dança e os músicos que acompanhavam Ariano quando ele fazia as aulas-espetáculo do *Circo da Onça Malhada* no interior de Pernambuco. Esqueci-me de perguntar quem vai ministrar a aula; farei isto por e-mail. E terminamos assim a maravilhosa entrevista.
> Quando estava saindo, comentei com Dantas sobre a Cavalgada da Pedra do Reino, que vai acontecer no próximo final de semana em São José do Belmonte (sertão entre Pernambuco e Paraíba). Ele me disse que iria para lá amanhã ou depois (não me recordo ao certo), e me deixou com uma "inveja boa". Se não fosse o pouco tempo que tenho, eu com certeza iria a essa festa. Ela começa na sexta-feira e vai até o domingo; tem muitas atividades. Deve ser linda!
> À noite salvei todo o material no computador (acho que fiz tantas cópias de segurança que até me cansei!) [...]

A partir da teoria de base, da vivência na pesquisa citada e nos exemplos apresentados acima, infere-se de forma conclusiva que o caderno de campo é, de fato, uma peça chave na metodologia de história oral. Ao contrário da pesquisa feita em documentos escritos – aos quais se pode retornar, reler e refletir a respeito entre uma leitura e outra –, na metodologia de história oral, apenas o registro do teor das entrevistas não é suficiente para nos dar todas as respostas. É possível ouvir novamente uma gravação, ou mesmo reler sua transcrição. Mas apenas isso não nos dará acesso a todas as informações obtidas naquele momento, pois os detalhes e as emoções não ficaram ali registrados.

**Referências**

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

DESLANDES; Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B.. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de**. Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em 21 jul. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.